

**ROBERTO MOTTA**

# **A CONSTRUÇÃO DA MALDADÉ**

**COMO OCORREU A DESTRUIÇÃO DA  
SEGURANÇA PÚBLICA BRASILEIRA**



### **OUTROS LIVROS DO MESMO AUTOR:**

Ou Ficar a Pátria Livre: Ideias para o Combate Contra Pilantras,  
Tiranos e Populistas e o Monopólio Ideológico da Virtude

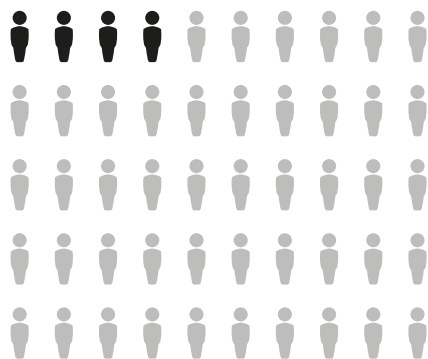
Jogando para Ganhar — Teoria e Prática da Guerra Política

Os Inocentes do Leblon: Uma Autobiografia do Idealismo

**ROBERTO MOTTA**

# **A CONSTRUÇÃO DA MALDADE**

**COMO OCORREU A DESTRUIÇÃO DA  
SEGURANÇA PÚBLICA BRASILEIRA**



Dedicado à minha família

Este livro homenageia Alexsandro Fávoro, soldado da Polícia Militar do estado do Rio de Janeiro. Alex foi baleado no pescoço durante um tiroteio entre policiais e traficantes no Morro do Fogueteiro, em Rio Comprido, na cidade do Rio de Janeiro, em 2011. O ferimento o deixou tetraplégico. Tenho a honra de conhecer o soldado Fávoro. Através dele faço uma homenagem a todos os policiais do país. Eles são os verdadeiros especialistas em segurança.

**“Os pobres colhem o que os intelectuais semeiam.”**

— *Theodore Dalrymple*

**“Aqui a estatística tem ideologia.”**

— *Desembargador Edison Brandão*

A melhor época para visitar o Rio de Janeiro vai de março a setembro. Nesse período, a temperatura é mais amena e as multidões que vieram para o carnaval já voltaram para casa. O menino que caminha na calçada da rua Senador Vergueiro não sabe disso, claro. O que ele sabe é que daqui a poucos dias, 22 de março, será seu aniversário. Ele está feliz, deslumbrado com a cidade para onde sua família acabou de se mudar. O sol dessa manhã de outono ilumina o bairro do Flamengo, onde seus pais visitam um casal de amigos — seu Edson e tia Maria — proprietários de um objeto que, naquele ano de 1973, fascinava a todos: um aparelho de televisão colorido.

O menino leva na mão uma nota de 5 cruzeiros que ganhou do pai para comprar uma revista em quadrinhos. Segurando o dinheiro despreocupadamente, ele se aproxima da banca e vai olhando as revistas. De repente, a nota some da sua mão. Atônito, sem entender o que tinha acontecido, ele vira a cabeça para um lado e para o outro. Quando olha para o lado esquerdo, o menino ainda tem tempo de ver outro garoto, um pouco mais velho que ele, atravessando a rua, rindo. O garoto está levando sua nota.

O menino volta sem a revista e sem coragem de contar aos pais o que aconteceu. Cinquenta anos depois, ele ainda tem o hábito de levar o dinheiro dobrado dentro da mão fechada, protegido.

O menino sou eu.

Às 17h30 do dia 21 de março de 2001, depois de tomar banho e trocar de roupa, Lucas Terra, 15 anos, saiu de sua casa em Salvador. Antes, abraçou e beijou o pai. Foi o último abraço dos dois.

No dia 17 de agosto de 2002, Max Fernando, 26 anos, saiu de sua cidade rumo a Porto Alegre para escolher o terno de sua formatura. Seus pais nunca mais o viram com vida.

Na manhã 9 de dezembro de 2004, uma quinta-feira, Maria Cláudia, 19 anos, ligou de casa para a mãe, avisando que pegaria carona com uma amiga para ir à universidade. Foi a última vez que a mãe ouviu a sua voz.



# Introdução

---

## Minha vida no crime

No dia 13 de dezembro de 2021, uma segunda-feira de muito calor no Rio de Janeiro, eu postei nas redes sociais uma charge. O desenho mostrava uma mulher com um vestido branco, uma venda nos olhos, uma espada e uma balança — o símbolo da Justiça. Em uma das mãos a mulher segurava a ponta de uma corda; a outra ponta da corda estava amarrada em volta dos pulsos de um homem fardado — um policial — que, de cabeça baixa, olhava para o chão.

Com a outra mão, a mulher acariciava a cabeça de um ser medonho, calvo, sem camisa e tatuado, que trazia uma arma enfiada na cintura e um esgar diabólico no rosto.

O desenho — cujo autor eu desconheço — era uma crítica à Justiça. Ele foi acompanhado do seguinte texto (de minha autoria):

No Brasil, nem o criminoso corrupto nem o criminoso violento têm punição efetiva.

Não é por acaso.

Trata-se de uma construção ideológica de décadas.

Falar de combater a corrupção ou o crime sem encarar isso é pior do que fazer um discurso vazio; é entrar no jogo daqueles que destroem a justiça e promovem o caos com fins narcorrevolucionários.

Pouco mais de uma hora depois, alguém postou um comentário:

No Brasil, qualquer um com rede social se acha apto a dar parecer sobre matéria que não entende. Por exemplo, engenheiro dando palpite sobre direito.

Eu não costumo responder a comentários que considero ofensivos ou agressivos. Mas respondi a esse.

E a resposta foi:

Não só dar palpite. O engenheiro dá aulas, já escreveu quatro livros, centenas de artigos e até uma proposta de projeto de modificação da Lei Penal (que está no meu livro mais recente).

Eu poderia ter acrescentado várias outras coisas. Mas não foi necessário.

Minutos depois da minha resposta o comentário sumiu.

É compreensível a surpresa do meu crítico com a natureza e a intensidade do meu envolvimento com a segurança pública. Para explicar como isso aconteceu é preciso voltar no tempo até 1989, o ano em que Fernando Collor de Mello e Lula disputaram o segundo turno das eleições presidenciais — com a vitória de Collor. Em 1989, eu fui embora do Brasil.

Assim como todo brasileiro, a partir de algum momento em meados dos anos 1970, eu passei a viver com medo de ser vítima de um crime violento e indignado com a corrupção na sociedade, na política e no Estado. Esse sentimento foi crescendo até ficar insuportável e culminou na minha decisão de ir embora do Brasil em 1989. Passei quase 5 anos trabalhando no Banco Mundial e morando em Washington DC, a capital dos EUA. Em todo o tempo em que vivi nos Estados Unidos nunca conheci uma pessoa que tivesse sido vítima de um crime. A preocupação com a segurança pública não fazia parte da rotina dos americanos. As casas não tinham — e ainda não têm — muros. O contraste com a rotina dos brasileiros era gritante.

Retornei ao Brasil em 1994 e voltei a me sentir indignado com a rotina de medo do brasileiro. Depois da experiência de viver nos EUA, tive certeza de que o grau de insegurança do cidadão brasileiro não tinha uma explicação razoável.

Meu interesse por segurança começou a tomar uma forma mais estruturada por volta de 2003, quando fui trabalhar em uma multinacional americana com atividades na área de tecnologia, segurança e inteligência. Fui um dos primeiros a

falar, no Brasil, sobre o uso de tecnologias C4I — comando, controle, comunicação, computação e inteligência — no combate ao crime. Peregrinei por várias Secretarias de Segurança — começando pela do Rio de Janeiro — e por instituições de inteligência e defesa em Brasília, falando sobre Centros de Comando e Controle (que depois viriam a se tornar comuns no país), interligação de bancos de dados e Centros de Fusão de Inteligência.

Em 2007, saí da multinacional e abri, em sociedade com um colega americano, uma empresa de tecnologia de segurança. Nosso objetivo era trazer para o Brasil um sistema desenvolvido por uma empresa da Califórnia para detecção de disparos de arma de fogo. Instalamos no bairro da Tijuca, no Rio de Janeiro, e no bairro Guajuviras, no município de Canoas, no Rio Grande do Sul, os dois primeiros sistemas do tipo implantados fora dos Estados Unidos. Viajei de Porto Alegre a Fortaleza apresentando a tecnologia. Ao mesmo tempo em que falava do sistema, eu aprendia como funcionava — ou não — o sistema de Justiça Criminal brasileiro.

Quando me envolvi na criação do Partido Novo, por volta de 2009 (o Novo foi criado por mim e por João Amoedo, como conto no meu livro *Os Inocentes do Leblon*), era natural que o assunto segurança pública estivesse entre as minhas preocupações principais. No processo de criação do partido, realizei centenas de reuniões com pessoas de todas as origens e classes sociais, em vários locais do país. Peguei novamente a estrada e fui a Porto Alegre, Salvador, Sorocaba, Cabo Frio, São Paulo e Petrópolis. Não importava onde eu estivesse; o medo de ser vítima de um crime violento era o denominador comum que unia a todos.

Eu começava minhas apresentações pedindo o seguinte: “Por favor, quem já foi assaltado, levante a mão”. Do Rio Grande do Sul ao Rio Grande do Norte, de Salvador a Manaus, a resposta era sempre um oceano de mãos levantadas.

Em 2014, conheci o procurador de justiça do Ministério Público do Rio de Janeiro, Marcelo Rocha Monteiro, que se tornou meu amigo e guru e, por assim dizer, me abriu as portas do mundo do crime. Por intermédio dele, ou junto com ele, conheci bravos guerreiros da causa da segurança pública. Eles estão em todos os lugares: são policiais, delegados, praças e oficiais da Polícia Militar, juízes, desembargadores, promotores, procuradores, policiais federais e rodoviários federais e muitos, muitos cidadãos comuns, como o querido Zeca Borges, que nos deixou há pouco, responsável pela criação e direção, por décadas, do Disque-Denúncia, uma das iniciativas de combate ao crime mais importantes e bem-sucedidas do país.

Conversas e contatos me levaram a conferências, encontros e a uma vasta literatura sobre crime e Justiça, que permanece desconhecida do público brasileiro e totalmente ignorada pela mídia e pelas escolas e universidades.

Arranjei um jeito de conciliar minhas atividades profissionais em empresas privadas com essa busca por entender o que tornava — e ainda torna — o Brasil um dos lugares mais perigosos do mundo. No fim de 2017, deixei o emprego como CEO de uma empresa de mídia para dar um salto triplo carpado para dentro da política. Fui candidato a deputado federal pelo Rio de Janeiro, mas, embora tenha sido o segundo mais votado do partido, com 17.080 votos, não consegui me eleger. Meu histórico profissional e o conhecimento sobre as questões de segurança, porém, me renderam um convite para a missão mais importante da minha vida: coordenar a transição da segurança pública do Rio de Janeiro, que então se encontrava sob intervenção federal.

Fui responsável pela coordenação da transferência das atividades do Gabinete de Intervenção Federal para as recém-criadas Secretarias de Polícia Civil e Militar. Em seguida, assumi por um curtíssimo espaço de tempo a Secretaria de Segurança do Estado (a Seseg), até que ela fosse extinta. Posso dizer que fui o último secretário de Segurança do Rio. O que testemunhei naquele período daria outro livro (que um dia será escrito).

Assim, sem perceber, esse engenheiro intrometido foi caminhando até chegar onde estou hoje: no front da luta — moral, intelectual e, cada vez mais, espiritual — contra o crime que estraga a vida do brasileiro.

Não sou policial, não sou militar nem operador do direito. Aqueles que monopolizam o debate sobre segurança pública no Brasil dizem que eu não tenho *lugar de fala*.

Sou apenas um estudante atento, com o privilégio de ter tido grandes mestres, acesso à boa informação e uma experiência transformadora no ponto central do combate ao crime no Brasil: o Rio de Janeiro. Sou apenas alguém que procura respostas com a mente aberta, examinando a realidade e usando como instrumentos os conceitos morais e éticos que estão na base da civilização ocidental, além de bom senso, lógica e sentimento de justiça.

Sou apenas um cidadão comum que, ao estudar o crime, fez duas descobertas: uma ruim e uma boa. A ruim é que o problema do crime é muito mais grave do que se imagina. Se o brasileiro médio — aquele que ainda se informa pelo noticiário da TV — soubesse o que os policiais sabem, talvez não tivesse coragem de sair de

casa. A descoberta boa é que a saída desse labirinto está muito mais próxima do que parece. Existe todo um ecossistema de organizações e profetas que vive de vender o apocalipse, de dizer que a crise de criminalidade do Brasil não tem remédio.

É claro que tem.

Os caminhos para sair da crise não são nenhuma novidade. Eles foram descobertos há bastante tempo, já foram testados e comprovados em outros países e descritos com detalhes em trabalhos científicos e dezenas de publicações. Vários desses trabalhos e seus autores serão apresentados neste livro, que também traz, ao final, uma pequena bibliografia com alguns dos melhores trabalhos sobre segurança e combate ao crime.

Este não é um livro sobre aviação, proteção às tartarugas marinhas, montagem de computadores, empreendedorismo, criptomoedas ou escultura. Esses são assuntos agradáveis e interessantes, sobre os quais a maioria das pessoas gosta de falar. Este é um livro sobre segurança pública — sobre crimes, criminosos, polícia, sentenças, juízes e prisões. Esse é um assunto sobre o qual *quase ninguém gosta de falar*. Entretanto, no Brasil de hoje, não há assunto mais importante.

É absolutamente necessário falar sobre segurança e combate ao crime. E falar com base em evidências: fatos, dados, relatos e análises de quem está na linha de frente. É preciso demolir mitos e mentiras e explicar — *demonstrar* — ao cidadão brasileiro que sua rotina não precisa ser pontuada e moldada pelo medo de ser vítima do crime.

A hora de pensar sobre segurança e discutir o que pode ser feito é agora, quando você tem este livro em mãos, ou quando, já de posse das informações reais sobre o que está acontecendo, você participa de reuniões no seu prédio, no seu bairro ou na escola dos seus filhos. A hora de discutir a segurança pública é quando você está no gabinete de algum gestor público, ou quando questiona candidatos a cargos eletivos sobre as ideias e planos deles. *Esses são os momentos em que é possível fazer alguma coisa pela segurança pública*. Quando você está caminhando na rua e dois homens em uma moto vêm em sua direção, ou quando você está parado ao volante do seu carro, esperando um sinal de trânsito abrir, com seus filhos no banco de trás, e alguém bate com o cano de uma arma no vidro da janela, já é tarde demais.

**A HORA DE AGIR CONTRA O CRIME É ANTES DE SER VÍTIMA DELE.**

Faço parte, talvez, da última geração de brasileiros que se lembra de um Brasil onde era possível andar com tranquilidade na maioria das ruas da maioria das cidades, na maior parte do tempo. Até 1973 minha família morou em Salvador, na Bahia; andávamos por todos os lugares, sem problema algum. Não me lembro, em toda a minha infância, de, sequer uma única vez, ter tido qualquer tipo de preocupação com segurança. Morávamos em uma casa com muro baixo e portão sempre aberto para a rua. Nas tardes de calor de Salvador, brincávamos soltos nas ruas da cidade. Havia pobreza, claro, talvez até mais dura e menos esperançosa do que hoje; mas não havia crime — não com a onipresença e a intensidade que conhecemos atualmente. E esse crime sem controle atinge com mais intensidade justamente quem é mais pobre, quem vive em favelas e bairros das periferias.

Esse Brasil — onde o medo não habitava nossas horas acordadas nem assombrava nosso sono de forma intensa — está logo ali, no passado recente. A crise de criminalidade na qual o Brasil está mergulhado hoje não era inevitável; como este livro vai mostrar, *não há nenhuma relação entre a situação econômica do Brasil e a insegurança criminosa do nosso cotidiano.*

Da mesma forma que a crise não era inevitável, ela não é irreversível.

Uma das missões deste livro é explicar ao leitor que é muito mais fácil estancar e reverter a destruição de nossa segurança do que nos dizem os “especialistas”, porque **A CAUSA PRINCIPAL DO CAOS DA SEGURANÇA PÚBLICA BRASILEIRA SÃO AS IDEIAS — E A IDEOLOGIA — QUE PASSARAM A DOMINAR AS POLÍTICAS PÚBLICAS E O SISTEMA DE JUSTIÇA CRIMINAL.**

Este livro vai sugerir o que é necessário fazer para transformar o Brasil em um país seguro.

Isso não é só possível; mas também pode acontecer *em muito pouco tempo.*

Enquanto escrevo este prefácio, uma eleição presidencial se aproxima e, mais uma vez, recomeça o debate sobre o “combate à corrupção”. Como espero demonstrar, é impossível combater a corrupção sem combater, ao mesmo tempo, o crime em geral e, especialmente, o crime violento.

A corrupção, a desordem urbana, o crime que acontece em qualquer hora e lugar e a inacreditável tomada de territórios de nossas cidades por narcotraficantes são sintomas de uma mesma causa raiz: a impunidade.

No Brasil, estabeleceu-se a inacreditável e absurda ideia de que a punição de criminosos *é um atentado aos direitos humanos*.

Para retomar nossas ruas para os cidadãos de bem, dar às famílias brasileiras — independentemente de etnia, classe social ou poder econômico — tranquilidade para criar seus filhos, e garantir a segurança necessária ao desenvolvimento econômico, precisamos começar do início: perguntando para que serve — e a quem serve — o sistema de Justiça Criminal.

Dizia-se, sobre a antiga Prússia, que não era um país que possuía um exército, mas um exército que possuía um país. Da mesma forma, a menos que comecemos a reagir, o Brasil deixará de ser um país que sofre uma crise de criminalidade para se transformar em um grupo de facções criminosas que controla o país.

Este é um livro para leigos que traz alertas, esperança e ideias.

Porque o combate ao crime começa, sempre, com as ideias certas.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA  
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

**[www.faroeditorial.com.br](http://www.faroeditorial.com.br)**



CAMPANHA



Há um grande número de portadores do vírus  
HIV e de hepatite que não se trata.  
Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite  
é mais rápido do que ler um livro.

**FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!**



ESTA OBRA FOI IMPRESSA  
EM MAIO DE 2022